

Variações do feminino e da mulher em *El País de las Mujeres*, de Gioconda Belli: perspectivas interdisciplinares

Variations of the feminine and the woman in Gioconda Belli's novel: interdisciplinary perspectives

Sylvia Maria TRUSEN*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O romance de Gioconda Belli, *El País de las Mujeres*, lançado originalmente em 2010, constitui sátira política, que encena irrupção vulcânica, em um país imaginário. Na ficção criada pela escritora nicaraguense, as larvas provocarão queda dos níveis de testosterona, e a consequente ascensão ao poder de partido liderado por mulheres, *Partido de la Izquierda Erótica, PIE*. O ponto de partida desta burlesca criação remete à efetiva existência de grupo homônimo, reunido em torno de agenda reivindicativa feminista, dentro do movimento sandinista, em meados da década de oitenta do século XX. O romance, apesar do tom zombeteiro, é desafiador, anotando tanto os diferentes meandros que atravessam as discussões de gênero, como também uma dada concepção de feminino, das mulheres e de eros. É, pois, nesse sentido, que adotou-se para este trabalho leitura interdisciplinar, envolvendo os estudos literários, a psicanálise, e a antropologia social.

PALAVRAS-CHAVE: Feminino. Eros. Gênero.

ABSTRACT: Gioconda Belli's novel *El País de las Mujeres*, originally published in 2010, is a political satire that stages a volcanic eruption in an imaginary country. In the fiction created by the Nicaraguan writer, the larvae cause a drop in testosterone levels and the consequent rise to power of a party led by women, *Partido de la Izquierda Erótica, PIE*. The starting point for this burlesque creation is the actual existence of a group with the same name, gathered around a feminist agenda within the Sandinista movement in the mid-1980s. The novel, despite its mocking tone, is challenging, noting both the different intricacies that run through discussions of gender, as well as a given conception of the feminine, of women and of eros. It is in this sense that this work has adopted an interdisciplinary approach, involving literary studies, psychoanalysis and social anthropology.

KEYWORDS: Feminine. Eros. Gender

* Doutorado em Letras, Docente Associada da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Letras/CUNCAST, Castanhal-PA, e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia (PPGEAA), sylviatrusen63@gmail.com.

Introdução

Este artigo será iniciado pelo cenário que abre as primeiras páginas do romance *El país de las mujeres*¹ da escritora e poeta nicaraguense Gioconda Belli, publicado originalmente em 2010, e com o qual ganhou o prêmio La otra Orilla, neste mesmo ano. A obra, vale recordar, faz parte de uma já vasta produção literária traduzida para diversos idiomas (dentre outros, alemão, francês, inglês, português), embora, talvez, não tão conhecida do público brasileiro

Primeira cena: uma praça e uma tarde ventilada em janeiro, um palanque, e, sobre ele, uma mulher com um “un físico envidiable” (Belli, 2023, p. 33), “un solido cuerpo moreno claro de nadadora” (loc. cit.), com “camiseta negra de escote profundo” (loc. cit.), “pechos abundantes cuya utilidad solo aceptó cuando se metió en política”(loc.cit.)², gesticula e hipnotiza a multidão diante de si. O narrador informa ser Viviana Sansón, presidente de um remoto país, Fáguas (o nome do lugar remonta a outro romance da ficcionista, *Waslala, memorial del futuro*), líder feminista eleita após a erupção do vulcão Mitre, que deixara como lastro a baixa dos hormônios de testosterona. No episódio destacado, celebra-se com as massas o “Dia da Igualdade em Todo Sentido”, incorporado ao calendário comemorativo oficial desde a ascensão ao poder do seu partido PIE – *Partido de la Izquierda Erotica*.³

A condescendência à linguagem aprazível ao leitor em busca de entretenimento é perceptível tanto no emprego dos adjetivos enaltecedores do corpo da heroína do romance, como também no sobrenome, que carrega em franca alusão bíblica. Soma-se, entretanto, à complacência com o leitor das páginas, manejo hábil do foco narrativo, que parece flertar com as lentes da câmara cinematográfica, operado por narrador onisciente. Da tomada panorâmica da praça, o foco se fecha, acercando-se da protagonista, descrevendo-a, para logo evocar o efeito hipnótico das luzes dos fogos de

¹ Será utilizada a edição no original mais recente (2023), lançada pela Seix Barral. Optamos por traduzir os trechos citados em espanhol para o português, no corpo do artigo, deixando em nota de rodapé, texto original. Este procedimento será adotado ao largo do trabalho, salvo quando necessária a versão original. Uma tradução mais recente para o português, entretanto, pode lida em **O país das mulheres**, (Belli, 2024), na tradução de Ana Resende, lançada pela casa editora Rosa dos Tempos.

² Tradução nossa: “um físico invejável”, “um sólido corpo moreno claro de nadadora”, “camiseta negra de decote profundo”, “peitos abundantes, cuja utilidade só aceitou quando se meteu na política”

³ Manter-se-á aqui o nome original do partido, em virtude do jogo de palavras, de difícil tradução. PIE alude não só à posição política à esquerda (izquierda), como também ao membro do corpo feminino (pie) que pode ocupar lugar de fetiche.

artifício, a multidão, a sedução do palco, e o disparo, vindo de algum lugar, em que mal se vislumbra, um “hombre con la cabeza cubierta por una gorra azul de camionero” “homem com a cabeça coberta por um gorro azul de caminhoneiro.” (Belli, op.cit., p.37)⁴

Viviana no se movió, cautivada por la luz y por el efecto del cielo encendido sobre los rostros de aquella multitud súbitamente transportada a los portentos de la infancia. (...). Muy tarde reconoció su intención. No oyó el disparo pero un calor viscoso la golpeó fuertemente en el pecho y la frente y la hizo perder el equilibrio. Cayó hacia atrás sin remedio, desplomándose cuan larga era. (loc. cit.)

Fecha-se a cena. Imediatamente, o leitor, em suspenso, é conduzido ao capítulo seguinte, precedido pela advertência: “transcrição de materiais históricos”, onde lê o relato integral de testemunha da cena, José de Arimatéia, que descreve à polícia investigativa o episódio que assistira.

Lance subsequente: a mente de Viviana Sansón. Sob o leito do hospital, em coma, assiste desfilar diante de seus olhos espantados, um sem-número de objetos esquecidos ao longo da vida. E cada um deles, detonando a memória da heroína, faz retroceder a narrativa, de modo a revelar não só os acontecimentos que conduziram à cena inicial, mas também a apresentar as personagens do romance, predominantemente mulheres, colegas de partido. Figuram ainda, porém, alguns homens, como o José de Arimatéia já mencionado (testemunha e logo colaborador na investigação), e antagonistas, dentre eles, principalmente, o Magistrado da Corte Suprema, Jiménez, abusador envolvido em rede de tráfico de meninas menores, para exploração sexual, e mandante do crime

A síntese das linhas do romance, ainda que possa parecer enfadonha, é necessária não apenas para apresentar a obra, cuja temática, veremos, centra-se nas problemáticas concernentes às representações da mulher e do feminino, mas também para evocar a construção textual, o exímio domínio da técnica narrativa, e o uso de diferentes tomadas, de modo a manter o leitor enredado nas malhas do texto. Ademais, a narrativa fragmentada, o expediente das analepses e prolepses, os lapsos temporais, e o emprego de gêneros híbridos – jornalísticos, registros policiais, fragmentos de manifestos políticos, programa partidário, correspondências por emails, para não

⁴ Tradução nossa: “homem com a cabeça coberta por um gorro azul de caminhoneiro”

mencionar a mescla entre personagens retirados da realidade empírica aos ficcionais, não só embaralham o plano literário e o material, mas introduzem o texto nos moldes da produção literária contemporânea da América Central. Efetivamente, como pontuam Perkowska e Mackenbach (2022), a década dos Noventa assistiu, na península, ao aparecimento crescente de escritoras mulheres na literatura, motivado, em grande parte, pelos acordos de paz assinados no período (em Nicarágua, em 1988), e a consequente finalização dos conflitos armados⁵. Assim, não há de ser fortuito que matéria significativa da literatura escrita por mulheres, no período, explorem tanto o comprometimento com as lutas contra as ditaduras e contra as estruturas patriarcais, quanto com a ruptura de paradigmas no campo social, na cultura, e, por extensão, na produção literária. Nesse sentido, despontam criações em que as relações entre os sexos, o corpo e o gozo femininos comparecem na escritura, encenando o íntimo, no campo do público. (Perkowska; Mackenbach, 2022).

É, pois, nesse sentido que, conquanto se reconheça as muitas nuances que atravessam o romance de Belli, dando margem à reflexão crítica de diferentes aspectos, tais como memória, testemunho, trauma ou ainda, no campo da narratologia, o exame intratextual dos variados e bem sucedidos procedimentos narrativos, este estudo terá que limitar-se ao exame acerca das representações, no plano ficcional, da mulher e do feminino, no tensionamento com a sexualidade, e as relações de dominação e violência que o texto denuncia. Efetivamente, nota-se no romance a constância de certos signos – Eros, os corpos em sua diferença sexual, e o feminino - nomeados aqui operadores que, atuando como linhas de força, nortearão o exame do texto de Belli, nas páginas a seguir. Lentes importantes para a leitura serão as cedidas pela antropologia social de Rita Segato (2003), pelos estudos literários de Ruth Brandão (2006) e Castelo Branco (1991), em articulação com o pensamento psicanalítico, adotando-se, por conseguinte, uma perspectiva interdisciplinar.

1 Eros, a diferença sexual e o feminino

O romance de Gioconda Belli, *El País de las Mujeres*, ainda que constitua efetivamente uma jocosa sátira política, é atravessado pela eleição de uma dada

⁵ Sobre a atuação política de Belli, remetemos o leitor ao artigo de RESENDE et alii. (2020)

concepção de erotismo, que o enlaça a pulsão de vida, como se lê no manifesto partidário do partido político *PIE*.

Somos eróticas porque eros quiere decir ‘vida’, que es lo más importante que tenemos, y por que desde siempre hemos estado encargadas no solo de darla sino también de conservarla y cuidarla. (Belli, 2023, p. 151).⁶

Nota-se, pois, o liame que aí se estabelece entre erotismo e vida, evocando a tradição mítica de Eros. Vale, portanto, retomar este mito, uma vez que o substantivo, e o adjetivo a ele relacionado, remontam ao grego erotikos (Houaiss, 2001), evocando o nome do deus nascido da união de Caos com Nix, entidades que estão na origem do mundo, conforme a tradição órfica, aponta-nos Junito Brandão (2000). Portanto, seguindo ainda essa tradição, constitui Eros a força motora que propicia a coesão entre as coisas e os seres do mundo, tendência, ou pulsão – para recordar Freud – consagrada à vida. Logo, não há de ser fortuita a ideologia propagada pelo manifesto delineada no romance: “Declaramos que nossa ideología es el felicismo” (Belli, op.cit., p. 151).⁷ Sabe-se, todavia, desde ao menos a publicação do *Mal-Estar na Cultura*, em 1930, que a mesma pulsão, que alavanca os laços sociais e também civilizatórios, é a que trabalha em sentido inverso, seja porque “o preço a pagar pelo avanço da cultura é uma perda de felicidade” (Freud, 2023, p. 390), seja porque a hostilidade decorrente das abnegações que a civilização exige converte-a logo em agressividade – introjetada, e logo expurgada na eliminação do outro, simultaneamente fascinante e aterrador. Em uma de suas formulações que beiram o ensaio literário, Freud explicita a dinâmica

[...] Aos nossos olhos incautos, o jogo de forças no céu parece congelado numa ordem eternamente igual; no acontecer orgânico, vemos ainda como lutam as forças umas com as outras e como os resultados do conflito se modificam constantemente. Assim também os dois anseios, aquele pela felicidade individual, e aquele pela conexão humana, têm de lutar um contra o outro em cada indivíduo; é assim que os dois processos, o de desenvolvimento individual e o de desenvolvimento da cultura, precisam afrontar-se com hostilidade e disputar o terreno um com o outro (Freud, *ibid.*, p. 399).

⁶ Tradução nossa: “Somos eróticas porque Eros quer dizer ‘vida’, que é o mais importante que temos, e porque há muito estamos encarregadas não apenas de dar a vida, como também de conservá-la e de cuidá-la”.

⁷ Tradução nossa: “Declaramos que nossa ideologia é o felicismo”.

Com efeito, vemos, nas páginas do romance, as duas dinâmicas em conflito – metaforicamente, entretanto, transmudadas em grupos sociais nas suas relações e tensões de gênero. Se Eros comparece representado majoritariamente por mulheres, agrupadas em volta de um programa e de uma ética de cuidado, vem do homem, o disparo, encenando a violência em seu repúdio ao programa de Eros, figurado na liderança feminina de Viviana Sansón. Assim, se efetivamente o sobrenome da protagonista foi escolhido a dedo em sua clara remissão ao personagem da tradição israelita, e à sua potência abrigada nos cabelos, repercute, na evocação, a lembrança do fascínio e terror face ao feminino, tal como os descreve Freud (1996) em seu ensaio *A cabeça de Medusa*, - escrito em 1922, publicado, entretanto, postumamente em 1940. Há, pois, subjacente à narrativa não apenas a menção a Eros e ao seu par antagônico, mas também a alteridade, própria da diferença sexual, tematizada igualmente pelos mitos, pelo campo psicanalítico, e, mais recentemente, em outro viés, pela abordagem de gênero, centrada na violência dos corpos, entendidos estes como campos em que se tensionam as políticas de ocupação ou usurpação. Esta última, vale desde já apontar, mimetizada pelos abusos sexuais sofridos pela jovem Patrícia, desde a infância, e, posteriormente, no cárcere em que é aprisionada juntamente com outras jovens, pelo Magistrado do país ficcional, Fáguas, para seu exclusivo uso e gozo.

Mas se a tematização da diferença sexual – e dos conflitos daí decorrentes – comparecem no texto de Belli, importa, entretanto, salientar que seu interesse é remoto, e dele dá testemunho a narrativa platônica *O Banquete* (Platão, 1991). Um deles ganha relevo, dado seu enlace com o romance – a saber, o discurso de Aristófanes que lança luz sobre a natureza essencialmente carente do humano, já que, por interferência de Zeus, os seres foram amputados de sua outra metade. Vale recordar, o discurso do comediógrafo retoma o mito do andrógino, que, em sua completude (possuía os gêneros masculino, feminino, e o de ambos os sexos) e arrogância, enseja tomar o Olimpo. A punição de Zeus foi definitiva: doravante cada sujeito, incompleto, passa a anelar sua outra metade: o masculino ansiando por sua parte masculina amputada, o feminino, idem, e o andrógino, por sua outra metade do sexo oposto. Pelo mito explicitam-se não só o erotismo homo e heterossexual, mas também a incompletude do humano e os afetos daí decorrentes – pulsão de vida, mas também o vetor mortífero a ela ligada. Com efeito, sabe-se desde o *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1996), que o organismo em

seu ensejo de completude, mobiliza o elo erótico, o mesmo que garante a fugaz anulação de si e do outro, na experiência de morte no ato de união dos corpos. Onde, erotismo, ensinam-nos os ensaios freudianos, não constitui apenas o comparecimento do amor, mas os destinos dados à agressividade que estão presos a ele. Em outros termos, Eros, e o amor a ele atribuído, são constituídos também por seu reverso.

Com efeito, em *El País de las Mujeres*, ressoa não apenas a cena inaugural do feminicídio, mas também capítulos de subjugação e exploração dos corpos das mulheres, como o da Patrícia e o de suas companheiras encarceradas, como apontado logo acima. A personagem comparece na recordação de Viviana quando depara-se, ainda em coma, com um dos objetos perdidos – uma xícara, na qual encontrava-se inscrito o emblema do programa com a frase “un poco de todo”⁸ (Belli, op.cit., p. 125). Ao tocar a asa da xícara, assalta-lhe à memória a jovem que fugindo da cela denuncia à então repórter Viviana, “cosas que usted no se imagina”⁹ (loc.cit.). As próximas páginas do romance voltam-se à descrição da sucessão de violações e todo tipo de perversões de homens que fazem do corpo alheio, objeto de gozo. O romance abandona o tom jocoso e assume o de denúncia.

[Viviana] dio vueltas en la cama sin poder dormir. Se levanto y sentó frente a la computadora. Busco datos en la Internet. Veintisiete millones de personas en el mundo, cuatrocientas veces más que el número total de esclavos forzados a cruzar el Atlántico desde África, eran víctimas del tráfico humano. El ochenta por ciento mujeres. (Belli, ibid, p. 134).¹⁰

Efetivamente, as violações, os estupros de Patrícia e de suas companheiras de cárcere, evocam não apenas as denúncias reportadas pelos noticiários, mas igualmente reflexões acerca do domínio dos corpos de mulheres. Alguns nomes do pensamento contemporâneo comparecem aqui, a exemplo de Pierre Bourdieu (1998), que investe na direção de elucidar os mecanismos através dos quais as culturas lograram dissimular não apenas a separação binária de gêneros, mas a história mesma do exercício de

⁸ Tradução nossa : “um pouco de tudo”

⁹ Tradução nossa: “coisas que você não se imagina”

¹⁰ Tradução nossa: “[Viviana] deu voltas na cama sem poder dormir. Levantou-se e sentou-se diante do computador. Buscou dados na internet. Vinte e sete milhões de pessoas no mundo, quatrocentas vezes mais que o número total de escravos forçados a cruzar o Atlântico, desde a África, eram vítimas do tráfico humano. Oitenta por cento mulheres”.

dominação, de tal forma que o campo histórico foi naturalizado. Assim, partindo da análise etnográfica, mas também inspirado pelo *Passeio ao farol*, de V. Woolf, Bourdieu visa, como adverte, uma análise sociológica do inconsciente de cunho androcêntrico. O método empregado, se deriva da percepção de que estamos emaranhados na rede mesma do tecido social que pretendemos descrever, quer provocar uma fenda que permita olhar por via transversal, aquilo que também nos informa. Assim, o sistema empregado põe a descoberto como as diferenças anatômicas são naturalizadas nas culturas (não apenas a ocidental e branca), e comparecem como justificativas para as diferenças que, todavia, são socialmente construídas, organizando, por exemplo, a divisão social do trabalho. Se o método etnográfico oferece uma lente perspicaz para ler a separação dos corpos e os processos de dominação, ele parece também ceder uma chave eficaz, juntamente com a da psicanálise para a leitura dos conflitos encenados no romance de Belli – um programa agenciado por mulheres em sua luta pela ocupação dos espaços públicos de poder, e a repulsão masculina. Afinal, anuncia o texto:

Primera Propuesta de campaña publicitaria del PIE (Partido de la Izquierda Erotica): Estrategia general: lo que la campaña del PIE pretende es utilizar a su favor aquellos estigmas que han colocado a la mujer al margen de la vida política, con el objeto de producir un cambio de paradigma que ponga fin a los desgastados esquemas machistas de dominación (Belli, *ibid.*, p. 161).

Logo, encenam as páginas do romance uma disputa que, acenando para verso e reverso de Eros, aponta igualmente para o conflito das relações de gênero, atravessado pela expropriação e subjugação dos corpos de mulheres. Não fortuitamente, a antropóloga argentina Rita Segato (2003) examina o que determinaria, na sua visão, “el mandato de violación” (*ibid.*, p. 33)¹¹. Este exerce-se bem mais no eixo horizontal, vale dizer a partir da relação do violador com seus pares na confraria racial, de classe, de nações, etc, do que na relação vertical entre violador e vítima. Significa isso dizer que reside na base dos atos de violência uma dinâmica que se exerce como um imperativo decorrente de agentes sociais, culturais, e igualmente psíquicos. Assim, a violação constituir-se-ia como exigência imperiosa de expurgação, eliminação do outro, medida pela qual estruturam-se e simultaneamente mantêm-se as estruturas de gênero.

¹¹ Trad nossa: “o mandado de violação”

Efetivamente, comparece na sátira criada por Belli essa sorte de congregação entre homens, mediante a qual o zelo pelo poder associa-se à repulsa ao feminino e ao erótico, propugnado pelo *PIE*. Assim, por exemplo o consórcio entre o candidato Emiliano Montero, o juiz Jiménez, o chofer Dionisio descrito no texto evocam esse conluio, ou *complot*, como o nomeia o romance. Todavia, vale assinalar, conquanto as personagens aqui enumeradas possam ser creditadas, pelo leitor menos atento, ao sexo masculino, há outras tantas, igualmente homens, não agrupadas nessa comunhão de pares – a exemplo de José de Arimateia-, assim como mulheres - como Leticia Monteiro-, que se identificam com essa espécie de comunidade masculina, adotando para si as posições de usurpação, apropriação e exercício do poder. Tais notações fazem-se tão mais relevantes na medida que sinalizam para a significação ampla que o termo gênero recobre.

Ciente, contudo, do amplo e por vezes difuso uso do termo, cumpre assinalar com a antropóloga que, por gênero, entende-se aqui uma certa gramática, vale dizer, estrutura de ordem simbólica organizadora de lugares subjetivos, ocupados no corpus social, ou se quisermos, no campo do Outro, tal como o sinalizou Lacan (1998)¹², nome no qual a antropóloga também se escora para desenvolver sua pesquisa de caráter transdisciplinar. Conquanto Segato admita que a noção de gênero concerne a relações de oposições no campo do simbólico, e por conseguinte, uma forma elementar de alteridade organizadora das diferentes configurações de liberdade e opressão, assinala consistir ele espécie de tradução para os corpos e afetos de cenas inaugurais, ou míticas, vivenciadas nas formações subjetivas primeiras. Nesse sentido, diferentemente de quaisquer nexos de índole biológica, ele constitui o embrião dos regimes de subjogação na rede social.

Por mi parte, afirmo que por medio de su encarnación en actores sociales o en personajes míticos, los géneros constituyen una emanación de posiciones en una estructura abstracta de relaciones fijadas por la experiencia humana acumulada en un tiempo muy largo, que se confunde con el tiempo filogenético de la especie. Esta estructura impone al mundo una ordenación jerárquica y contiene la simiente de las relaciones de poder en la sociedad.

¹² Lacan empregou os termos Outro e outro em vários momentos de seu percurso teórico. Aqui remetemos o leitor apenas para os artigos “A agressividade em psicanálise”, “Função e campo da fala e da linguagem” e “O estádio do espelho na formação do eu”, em **Escritos** (1998).

Los géneros constituirían, desde este punto de vista., transposiciones del orden cognitivo al orden empírico. (Segato, 2003, p. 57).¹³

Para a antropóloga, a análise é tão mais corrosiva na medida que sinaliza para a virtual permutabilidade dos afetos organizadores da estrutura, observando, contudo, que tal trânsito diz bem mais respeito às posições no registro afetivo do que se concebe como próprios do masculino e do feminino, do que as atribuições profissionais, decorrentes estas últimas daquele. Por conseguinte, é a compreensão da sintaxe dessa gramática que viabilizaria seu desmonte. Como sustenta:

“Cuando me refiero al tránsito posible por esos lugares indicando que se trata de no lugares marcados para ser ocupados por anatomías preestablecidas, no me refiero simplemente a lo que usualmente se comprende, en el plano empírico y observable, como atribuciones, derechos, deberes, profesiones. Observamos en los últimos años un avance en lo que podríamos llamar “dimensión funcional del género”, o sea que la mujer accedió y hasta sustituyó al hombre en papeles que implican el ejercicio del poder, pese a lo cual esto no garantizó una reforma de los afectos. De hecho, como muchos han señalado, el ingreso de la mujer en el registro de las interacciones afectivas, calcada aún en la experiencia de su entrada en la escena original, se ha modificado poco. La salida que apunto para el impasse jerárquico instituido por la estructura que rige las relaciones de género es lo que llamaré, al final, de circulación entre posiciones. Se trata de un tránsito que implica no una androginia como situación de indiferenciación de géneros o de su neutralización (...), sino de una androginia como posibilidad abierta de permuta de posiciones en el registro afectivo.” (ibid. p. 58)¹⁴

A longa citação fez-se necessária dado que recorta a persistência do que podemos nomear também de regime dos afetos, para além das conquistas pelas mulheres de novos papéis sociais, ainda que tais conquistas devam ser celebradas.

¹³ Tradução: “De minha parte, afirmo que os gêneros, por meio de sua encarnação em atores sociais ou em personagens míticos, constituem uma emanção de posições, em uma estrutura abstrata de relações, fixada pela experiência humana acumulada em um longo tempo, que se confunde com o tempo filogenético da espécie. Essa estrutura impõe ao mundo uma ordenação hierárquica, e contém a semente das relações de poder na sociedade. Os gêneros constituiriam, desde este ponto de vista, transposições da ordem cognitiva à ordem empírica.”

¹⁴ Tradução nossa: “Quando refiro-me ao trânsito possível por esses lugares, indicando que se trata de lugares não demarcados, para serem ocupados por anatomias preestabelecidas, não me refiro simplesmente ao que usualmente compreende-se, no plano empírico e observável, como atribuições, direitos, deveres, profissões. Observamos, nos últimos anos, um avanço no que poderíamos chamar de “dimensão funcional do gênero”, ou seja, a mulher acedeu e até substituiu o homem em papéis que implicam o exercício do poder, conquanto isso não tenha garantido uma reforma dos afetos. Com efeito, como muitos têm assinalado, o ingresso da mulher no registro das interações afetivas, ancorada ainda na experiência de sua entrada na cena original, pouco se modificou. A saída que sinalizo para o impasse hierárquico instituído pela estrutura que rege as relações de gênero é o que chamarei, ao final, de circulação entre posições. Trata-se de um trânsito que implica não uma androginia como uma indiferenciação de gêneros ou de sua neutralização (...), senão de uma androginia como possibilidade aberta de permuta de posições no registro afetivo.”

A sagaz observação, se de fato abre fenda para a investida contra a base da organização dos afetos e posições no campo do simbólico, outrossim parece ceder uma lente eficaz para o exame do romance em questão. Efetivamente o que ali lemos são quadros montados em diferentes capítulos que conduzem o leitor a confrontar-se se com distintos enfoques manuseados pelo narrador, obrigando-o não apenas a transitar ao longo do enredo entre diferentes perspectivas, mas também a exercitar sua percepção de que os lugares e posições são mutáveis. Assim, por exemplo, os diálogos entre o candidato conservador - perdedor das eleições -, Emiliano Montero e sua esposa Leticia, as cogitações do vendedor de sorvete José de Arimateia sobre o novas formas de governança estabelecido pelo *PIE*, as lúgubres meditações do deprimido desempregado Petronio Calero, todas as reflexões das companheiras de Viviana, atualizadas em diferentes cenas distribuídas nos episódios do romance, são apenas algumas ilustrações desse inteligente manejo narrativo que traduz para o campo literário o exercício da compreensão de que as posições subjetivas são passíveis de permutas.

Enunciar tal concepção de gênero articulada às ordenações no campo do simbólico, encarnadas, por sua vez, numa dada organização dos corpos e dos afetos, conduz, por sua vez, este texto a uma última volta no parafuso, de modo a propiciar uma compreensão sobre a posição do feminino na cultura, vale dizer, no campo do Outro, e, por extensão, no romance de Belli.

No que concerne às teorizações no campo literário, abstraídas em grande medida do pensamento lacaniano, o termo feminino tem sido nas últimas décadas empregado para referir-se a uma certa escritura, não necessariamente exercida por mulheres (Perkowsk; Mackenbach, 2022; Brandão, 2006; Branco, 1991). Seu emprego estaria antes relacionado à preferência por alguns temas, como a memória, a morte, a loucura (Branco, 1991) e, sobretudo, vinculado a uma certa dicção, em grande parte decorrente da impossibilidade do sistema simbólico de nomear, vale dizer, fazer representar aspectos do real que escapam às possibilidades da linguagem em tudo dizer. Por outro lado, cumpre anotar, é justamente o impossível da nomeação - espécie de resto que sempre escapa às tentativas de cerzi-lo-, que causa e mobiliza a escrita literária, e que certa crítica designa por feminina. Nesse sentido, tal escritura movimenta-se como “corpo erótico”, evocado por “seu ritmo pulsional, por sua respiração, suas ausências e presenças, palavras e silêncios.” (Brandão, op.cit., p. 131).

É de se indagar, pois, quando se aborda o feminino na obra de uma autora ou autor, se o romance de Gioconda Belli consiste em uma escrita feminina (Branco, op.cit.) ou em masculino (Perkowska; Mackenbach, op.cit). A interrogação se sustenta porque se a tematização da memória, o enfrentamento da morte, os lapsos, a fragmentação e o hibridismo textual apontam para essa outra ordem de escritura, regida pelo campo do feminino, donde não fálica, há por outro lado, um pleito que o texto enuncia – e o faz bem explicitamente. A espessura do silêncio, a exposição da falha do sistema simbólico que singularizam tal escritura, é recoberta pela dicção retórica, necessária à força argumentativa da palavra, que quer fazer do livro “una arma explosiva” (Belli, ibid, p. 29). Se o projeto ficcional de *El País de las Mujeres* é fazer do romance suporte e veículo de “ideias revolucionarias” (loc. cit)¹⁵, ele colide com o de uma escritura feminina, nos termos acima mencionados.

A mesma psicanálise, que dá suporte teórico para os estudos literários acerca dessa singular modulação impressa nas páginas - não exclusiva das mulheres, vale frisar-, talvez contribua para a leitura do romance.

A pesquisa sobre a mulher e o feminino é, pode-se dizer, constitutiva mesma da psicanálise – ela a atravessa de ponta a ponta, com diferentes modulações e perspectivas. A bem da verdade, ela se forja pela escuta freudiana das mulheres e de seus afetos metaforizados nos corpos, que traduzem em sintomas os sofrimentos, na opressiva sociedade vienense de fins do século XIX. Freud foi sagaz ao percebê-lo, aludindo, inclusive, às caças as bruxas pelos tribunais eclesiásticos medievais que tomavam as afecções histéricas e o conhecimento das ervas por possessões demoníacas, via pela qual lograram a perseguição sistemática ao sexo feminino. Também coube a ele anotar, em um de seus últimos trabalhos sobre a matéria, que a mulher não se reduz a uma dada anatomia, mas se realiza em percurso subjetivo. Daí a formulação, pouco referenciada, muito embora preceda a célebre fórmula beauvariana:

Corresponde à singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é – isso seria uma tarefa quase impossível de resolver – mas, sim, pesquisar como ela se torna mulher, como se desenvolve a partir da criança dotada de disposição bissexual. (Freud, 2018, p. 318).

¹⁵ Tradução nossa de: “uma arma explosiva”; “ideias revolucionárias”

Essa conferência do psicanalista, publicada em 1933 para ser lida, em função do avanço de sua enfermidade, dá bem a nota dos avanços da pesquisa freudiana sobre a sexualidade humana, para a época. Mas também, por outro lado, testemunha os obstáculos. É conhecido o lamento de Freud, ao final de sua trajetória, confessado a Marie Bonaparte, antiga paciente sua, que se tornara ela também psicanalista, e registrado por seu biógrafo Ernst Jones.

Cierta vez dijo a Marie Bonaparte: «La gran pregunta que nunca ha obtenido respuesta y que hasta ahora no he sido capaz de contestar, a pesar de mis treinta años de investigación del alma femenina, es ésta: '¿Qué es lo que desea la mujer?' (Jones, 1970, p. 258).¹⁶

A indagação dirige-se, como se lê, ao desejo feminino, mas coube a Lacan avançar na pesquisa em diferentes momentos de seus seminários e escritos. Para que este trabalho não se perca nas teias do psicanalista francês, vale deter-se basicamente nos seminários proferidos no início da década 70, ao longo dos quais Lacan (2010; 2012) constrói e discute os elementos constitutivos da fórmula (ou tábua) da sexuação, cujo exame talvez contribua para a leitura do romance. As linhas a seguir, se podem parecer à primeira vista, estranhas ao corpo deste artigo, enlaçam-se muito estreitamente não só ao que a crítica tem designado como escrita feminina, como também ao que aqui nomeia-se campo do feminino.

Lacan constrói ao longo das aulas, no período acima assinalado, um esquema gráfico em que se leem sinais e fórmulas matemáticas, através das quais condensa largo tempo de estudo voltado ao que seria a relação entre os sexos, e a mulher. De modo provocativo, dirá que um e outro não existem. É conhecida a máxima lacaniana que “não há, não existe ‘a’ mulher.” (Lacan, 2010, p. 18), a qual pode, muito sinteticamente, ser articulada ao fato de que efetivamente A Mulher, como um conjunto universal capaz de a representar, inexistente – o que existe é a sua singularidade, no uma-a-uma. Outrossim, a ilusão de formar Um, pela relação sexual, remete ao anelo de completude, que o mito de Aristófanes - com o qual iniciamos este texto-, evoca. Assim, com a

¹⁶ Tradução nossa: ““Certa vez, disse a Marie Bonaparte: ‘A grande pergunta para a qual jamais obtive resposta, e para a até hoje não pude responder, apesar de meus trinta anos de investigação da alma feminina, é esta: ‘o que deseja a mulher?’ (Jones, 1970, p. 258).¹⁶

JONES, Ernst. Tradução nossa de “Cierta vez dijo a Marie Bonaparte: «La gran pregunta que nunca ha obtenido respuesta y que hasta ahora no he sido capaz de contestar, a pesar de mis treinta años de investigación del alma femenina, es ésta: «¿Qué es lo que desea la mujer?» P. 258

fórmula, Lacan vai desenhando um certo lugar na cultura que extrapola o campo do que usualmente nomeamos a mulher, o homem, ou o coito entre ambos. Interessa-o bem mais uma dada posição que se relaciona com a fatalidade humana de precisar haver-se com o que está para além do simbólico, do que escapa a possibilidade de enunciação pela linguagem. Em outros termos, o campo do feminino, dimensão não submetida à lei fálica, disjuntiva e constitutiva da linguagem. Em outros termos, significa isso apontar para o campo que enseja ir além da nomeação, em dimensão que insiste, malgrado o impossível, fazer Um. (Maurano, 2023). Por conseguinte, seu caráter é insistentemente subversivo, no sentido de insistir na recusa da ordem fálica, disruptiva. Com efeito, vale lembrar, a linguagem simbólica, efetiva-se pela cesura e diferenciação entre os significantes preexistentes ao aprendizado das leis simbólicas. Esses, como puro som, marcas de tessituras sonoras - de que a poesia, aliás, saberá fazer largo uso- penetram no furo do canal auditivo, antes mesmo que adquiram significado. Sendo, pois, o feminino esse campo que põe em xeque a ordem fálica, vale frisar, disjuntiva, ele aponta para a virtualidade de um campo Outro, potencialmente subversivo e ameaçador.

O romance de Belli parece dar testemunho disso, encenando, o repúdio a uma tomada de poder feminina – o que não é o mesmo, evoca a personagem Viviana – do poder encarnado na mulher. “Qual é minha ideia? Vamos ver.... Já há mulheres presidentes. Isto não é novidade. O que não há é um poder feminino” (Belli, 2023, p. 139).¹⁷ Essa é uma passagem intrigante. Com efeito, se sinaliza a distinção entre gênero e anatomia, recortada tanto pelo pensamento de Segato, como também pela disjunção feminino mulher, anotada pela psicanálise lacaniana, por outro lado, nas linhas seguintes, enlaça o cuidado, cultural e historicamente concernido às mulheres, ao feminino. O diálogo tecido entre as personagens dá conta do incômodo que o texto pode suscitar para o horizonte de expectativas de um leitor familiarizado com os debates feministas. “As feministas acabarão por dizer-nos que estamos eternizando o que se pensa das mulheres - disse Eva“ (Belli, op. cit., p. 139).¹⁸

Também aqui a eleição do nome da personagem bíblica, ao recordar a tradição judaico-cristã, sinaliza, dialogicamente, o reverso de seu apelido – o pensamento

¹⁷ Tradução nossa de: “Cual es mi idea? Vamos a ver. Ya hay mujeres presidentas. Eso no es novedad. Lo que no hay es un poder femenino.”

¹⁸ Tradução nossa de: “Las feministas nos acabarían diciendo que vamos eternizar lo que se piensa de las mujeres – dijo Eva.”

feminista –, constituindo, assim, outra engenhosa estratégia narrativa: por seu intermédio, alude ao pano de fundo que tensiona ordens de pensamento. O texto de Belli, entretanto, não foge ao embate, e enuncia argumento diverso:

Depende de qué feministas. El feminismo es muy variado. El problema es lo que se piensa de las mujeres, sino lo que nosotras hemos aceptado pensar de nosotras mismas. Nos hemos dejado culpabilizar por ser mujeres, hemos dejado que nos convenzan de que nuestras mejores cualidades son una debilidad. Lo que tenemos que hacer es demostrar como esa manera de ser y actuar femenina puede cambiar no solo este país, sino el mundo entero – dijo Viviana. (Belli, *ibid*, p.140).¹⁹

As longas citações foram mais uma vez necessárias, na medida que ressaltam, no plano ficcional, a desassociação entre a fisiologia da mulher e o feminino. Ademais, o fragmento parece caracterizar este último como âmbito singularizado pelo zelo com o outro, e cinge tal cuidado a um certo impulso fusional, vale dizer, erótico e mobilizado pelo anelo à união, propugnado pelo *PIE*. Por outro lado, todavia, em direção inversa, enlaça o feminino, enquanto ética do cuidado à mulher.

O romance de Belli parece, pois, colocar em jogo variações do pensamento contemporâneo acerca da mulher, do feminino, e de uma dada concepção do erótico, como pretensão ao elo. As múltiplas visadas, como já se ressaltou anteriormente, comparecem retesadas no plano ficcional, mediante a figuração de sucessivas perspectivas que, promovendo a permuta de pontos de vista e o deslocamento de posições, no jogo promovido pela ficção literária, também acena para as potencialidades do imaginário humano. Não fortuitamente, advoga seu prólogo:

Cuando hablo de la invención de un nuevo paradigma a partir del eros femenino, me refiero a la urgencia de pensar fuera de la caja y vencer la crisis de la imaginación que aflige el pensamiento moderno, que parece haber llegado a um callejón sin salida; me refiero a la necesidad de girar la mirada hacia la *subjetividad* humana e, por ende, a los procesos em que se gesta. (Belli, *ibid.*, p. 18-19. Grifo do autor)²⁰

¹⁹ Tradução nossa: “Depende de quais feministas. O feminismo é muito variado. O problema não é o que se pensa das mulheres, senão o que nós mesmas temos aceitado pensar. Deixamo-nos culpabilizar por sermos mulheres, temos permitido que nos convençam de que nossas melhores qualidades são uma debilidade. O que temos que fazer é demonstrar como essa maneira de ser e atuar feminina pode modificar não apenas nosso país, mas todo o mundo – disse Viviana “.

²⁰ Tradução nossa: “Quando falo da invenção de um novo paradigma a partir do eros feminino, me refiro à urgência de pensar fora da caixa e vencer a crise da imaginação que aflige o pensamento moderno, que parece ter chegado a um beco sem saída. Refiro-me à necessidade de girar o olhar para a subjetividade humana e, por termo, aos processos em que se gesta”

Assim, se o texto de Belli não se define por uma escrita feminina, como aludido anteriormente, por outro lado, propugna uma ética do feminino, ancorada em uma certa concepção de Eros, como aquele que faz laço – mas que é também, como visto, potencialmente destrutivo. Efetivamente, suas linhas elaboram-se como projétil, cujo alvo é o sistema patriarcal e heteronormativo. Quiçá a alusão ao vulcão Mitre, mencionado na introdução deste trabalho, tenha sido não apenas rememoração do imponente Massaya, marcante na paisagem da terra natal da autora. É bem provável que sua larva seja, pois, metáfora do desejo de irrupção de uma nova ordem para a gestão dos corpos e dos afetos. E, vale recordar, a literatura há tempos tem sido pródiga em fertilizar o imaginário para abertura de novos horizontes.

REFERÊNCIAS

BELLI, G. **O país das mulheres**. Trad. de Ana Resende. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

BELLI, G. **El país de las mujeres**. Bogotá: Seix Barral, 2023.

BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998. Livro digital. Formato Epub

BRANCO, L. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BRANDÃO, J. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRANDÃO, R. **Mulher ao pé da letra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2006.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer e outros ensaios**. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JONES, Ernst. **Vida y obra de Sigmund Freud**. Trad. de Mario Carlisky y José Cano Tembleque. Barcelona: Anagrama, 1970.

LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **Encore**. Trad. Analucia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro: Escola letrada Freudiana, 2010.

LACAN, J. **O Seminário, livro 19:.... ou pior**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MAURANO, D. **Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos**. São Paulo: Aller, 2023.

PERKOWSKA, M.; MACKENBACH, W. **Escritura(s) em feminino en las literaturas centro-americanas**. Una cuestión de género? North Carolina : Contracorriente, 2022.

PLATÃO. **O Banquete**. Trad. José Cavalcante de Souza. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

RESENDE, J. S.; DOS SANTOS, R.; LOPES, S. **Mulheres e resistência em *O país sob minha pele*, de Gioconda Belli**. Revista Moara, Belém, vol. 1, n. 56, ago-dez 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9769/6730>. Acesso em 05 de agosto de 2024.

SEGATO, R. **As estruturas elementares de la violencia**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.